

1. JOSÉ BÁRBARA BRANCO, MÉDICO - EX-DIRETOR DO SERVIÇO DE ORTOPEDIA, HOSPITAL GERAL DE SANTO ANTÓNIO, CONVIDADO AICL



29º BELMONTE 2018

29º BELMONTE 2018

Nasceu em Setúbal a 6 de janeiro de 1937.

Passou a infância e a juventude, durante dez anos em Vila do Conde, vivendo numa zona cheia de memórias que marcaram aquele período da sua vida: perto da sua casa habitaram Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, Antero do Quental, Guerra Junqueiro, Camilo Pessanha e os pintores Sónia e Robert Delaunay.

Fez os estudos secundários no Liceu Nacional Eça de Queirós, na Póvoa de Varzim, e no Liceu Alexandre Herculano, no Porto.

Licenciou-se em Medicina e Cirurgia na Faculdade de Medicina do Porto.

Teve uma vida académica intensa, tendo sido presidente da direção do Orfeão Universitário e presidente da assembleia geral do Teatro Universitário.

Foi editor da revista científica Escola Médica.

Assistente da cadeira de Patologia Médica da mesma Faculdade.

Especialista de Ortopedia, concluiu a sua formação, durante os anos de 1970 e 1971 no Nuffield Orthopaedic Centre, da Universidade de Oxford.

Fez uma carreira profissional no Hospital Geral de Santo António, no Porto, onde foi diretor de Serviço e se aposentou ao fim de quarenta anos de trabalho.

Como médico miliciano, esteve dois anos em Timor (1965-1967) na zona da Fronteira.

Viveu intensamente esse período, dedicando toda a sua atividade ao serviço das unidades militares que guarneciam os postos fronteiriços e ao serviço das populações da zona. A experiência timorense marcou-o profundamente: desde então tem-se dedicado ao estudo da História do território nas suas múltiplas facetas.

Constituiu uma vasta biblioteca sobre Timor.

Em 2016 editou "Fernando Sylvan Uma Biografia", onde documenta exaustivamente a vida extraordinária deste esquecido intelectual e escritor timorense."



29º BELMONTE 2018

Nota do editor;

O Dr José Bárbara Branco esteve como médico no EC5 (Esquadrão de Cavalaria), em Bobonaro nas montanhas de Timor (1965-1967), onde Chrys Chrystello esteve em 1973, e onde conheceu a pintora Susana Gouveia Falcão (LOTUS DE JADE TCHUM) que expõe neste colóquio. Conheci finalmente o médico José Bárbara Branco em março 2018 quando o convidei a ir apresentar o livro em epígrafe no 9º colóquio da lusofonia em Belmonte.

Em comum havia o facto de termos estado em Timor, Bobonaro, com alguns anos de intervalo e de ao fim de tantas décadas continuarmos agarrados a essa droga sem cura que é o nosso amor indefetível por essas terras.

Aproveitei para convidar o marido da Susana Falcão, nosso Comandante de Setor de Bobonaro e do Esquadrão de Cavalaria 5 (no meu tempo o major Gouveia Falcão, hoje coronel na reserva) e mais gente ligada a Timor.

Moderei a sessão na qual foi apresentado também o livro infantojuvenil trilingue de Ramos Horta "O mundo perdido de Timor-Leste". Nessa sessão fiquei com imensa vontade de ler a história de Fernando Sylvan, um dos mais célebres autores timorenses, um mestiço aceite no Estado Novo e com uma vastíssima e variada obra literária. Um homem que durante duas décadas (1975-1993) presidiu à reputada Sociedade da Língua Portuguesa (SLP) hoje extinta e a que pertenci desde 1996.

Fernando Sylvan, de seu nome Abílio Leopoldo Mota Ferreira, sai muito jovem de Timor em 1923 após a morte da mãe, barlaqueada com o pai, funcionário da administração colonial e vai viver com a mulher legítima do pai e suas duas meias-irmãs... nunca regressaria a Timor embora tivesse viajado por meio mundo, do Brasil a Moçambique foi defensor do lusotropicalismo de Gilberto Freyre, defensor do Estado Novo, opositor do mesmo e candidato à Assembleia Nacional, monárquico, virou à esquerda com o 25 de abril, membro do Partido Socialista com uma vastíssima obra de temáticas variadas e – por vezes – controversas. Desde os avós paternos de Fernando Sylvan à sua morte, leva-nos o autor Bárbara Branco ao longo de 200 páginas a episódios vários da sua vida bem ilustrativos da sua sede de enriquecimento cultural, ao reconhecimento do seu valor como mestiço timorense, de cor, sem doutoramento nem licenciatura, numa sociedade como era a sociedade portuguesa da época.

E eu que pensava saber quase tudo sobre Timor tive a oportunidade de aprender imenso sobre este homem que teve uma vida rica de experiências sem nunca abdicar da sua matriz original timorense, da memória dos pais.

Um livro que nos dá a conhecer o escritor, nos lembra como eram as sociedades em Timor e em Portugal no decurso da sua vida, nos conta tantos episódios uns de verdadeira lusofonia, outros de portugalidade que preencheram a variedade de ocupações e empregos a que se dedicou, a par da escrita que nunca abandonou, em temas que vão da agricultura à educação nas províncias ultramarinas, sem nunca descurar a sua verdadeira arte poética.

Com uma edição (Crocodilo Azul 2017) cuidada e profusamente ilustrada com reprodução de documentos, de livros, de fotografias, este é um livro que se aconselha a ler devagarosamente (eu devorei-o com avidez sequiosa de quem anda no deserto) para se entender este multifacetado escritor que deveria ser mais lembrado e homenageado. Talvez não seja por se tratar de um escritor que nunca foi politicamente correto e nunca se ter coibido de mudar de ideias à medida que os seus conhecimentos se expandiam e a sua sede de autodidata o levava a novas descobertas. Obrigado José Bárbara Branco por este excecional trabalho de pesquisa, investigação e compilação demorada e cuidada que bem valeu a pena esperar para conhecer o autor e a sua obra.

(in <https://www.diariodetrasmontes.com/cronica/fernando-sylvan-uma-biografia-por-jose-barbara-branco>)

Tema 2: A herança arquitetónica e cultural portuguesa também faz parte do ADN timorense: O Património Português edificado na área de Díli.

"O autor disserta sobre a evolução do património edificado desde 1769, data da transferência da capital de Timor Português de Lifau para Díli.

Do povoado primitivo descrito pelos exploradores ingleses e franceses no século XIX até à renovação arquitetónica dos primeiros decénios do século XX, depois completamente destruída pelas invasões estrangeiras durante a II Guerra Mundial.

Aborda a difícil reconstrução da cidade no pós-guerra.

Termina referindo grande preocupação em face daquilo que considera atitude descuidada das autoridades timorenses na preservação desse património que faz parte da identidade timorense."

É SÓCIO AICI

PARTICIPOU PELA PRIMEIRA VEZ NO 29º BELMONTE 2018